

Cinqüentenário  
da morte de  
Monteiro Lobato

# FOL CLO RE

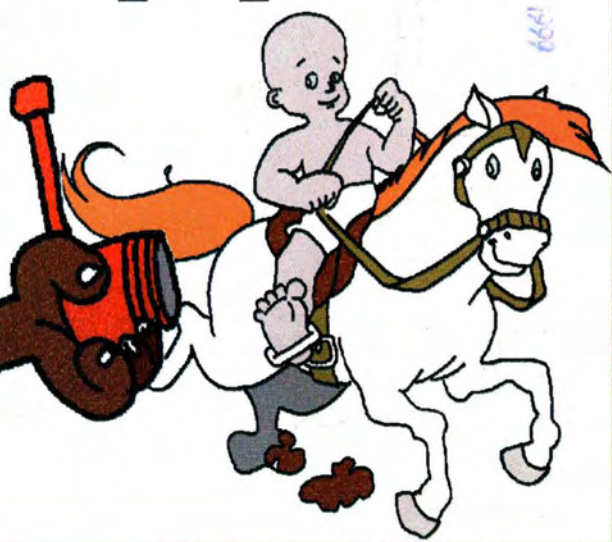
**DF**  
**LETRAS**  
A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO V Nº 57/58  
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

CONTRATO Nº 281-0/97  
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF  
OP. AC/CÂMARA LEGISLATIVA



Tradição  
e sabedoria  
popular



91 FEB 1999

91 FEB 1999

VA  
|  
|  
|





*A política, as artes, a filosofia, a psicanálise, a biologia, a astronomia, a religião, os mitos - grandes criações humanas - são visitados, seja com o olhar de quem está descobrindo o mundo, seja com a vista cansada e o coração desiludido...*

# Opção pelo humano

□ REGINA DALCASTAGNÈ

Toda narrativa é uma viagem - percurso construído pela imaginação para escoar possibilidades. Cada vez que alguém conta uma história, seja através de sofisticadas técnicas literárias, seja com a experiência dos velhos narradores, vai-se fazendo um itinerário, trajeto a ser percorrido por aquele que lê ou que ouve. Nada impede que ele descubra atalhos junto ao caminho principal ou que se demore na contemplação de detalhes quase irrelevantes; pode até se

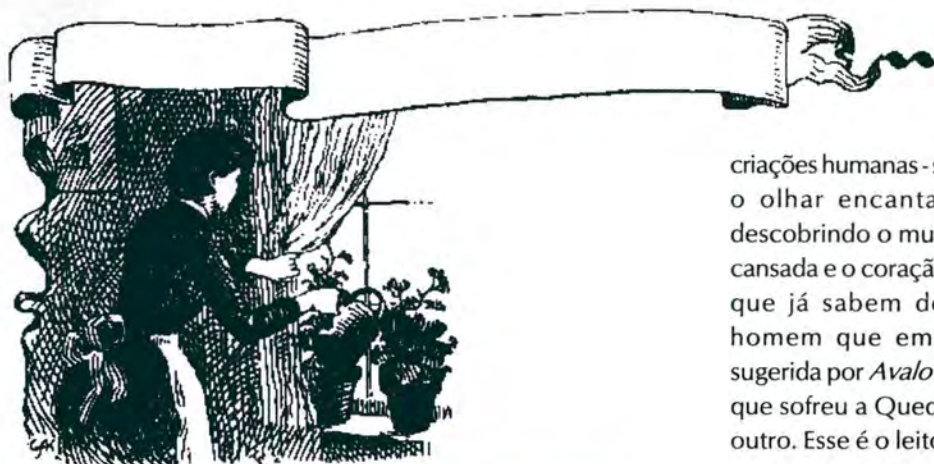
perder, ou simplesmente desistir. Isto porque a imaginação e a liberdade se sustentam mutuamente; e a narrativa pode ser uma viagem universal, mas permite ainda atingir o indivíduo naquilo que ele carrega de mais íntimo consigo.

Antigos perfumes, lembranças de um pequeno quarto, remotas vozes de um passado distante, sensações e medos que não se sabe de onde vêm, tudo o que habita o viajante faz parte do percurso - espaço onde o novo e o já revelado, o fabuloso e o cotidiano, o sagrado e o profano se entrecruzam, formando a tessitura narrativa. É esse movimento, entre o conhecido e o improvável, que confere fascínio a uma história. O que permite que uma obra sobreviva ao desgaste do tempo, ao lento desbotar da vida. *Avalovara*, de Osman Lins, tem essa pretensão e, mais que isso, essa proposta - inscrever o romance na grande trajetória humana, narrar essa aventura e ser narrado por ela.

Por isso o livro se oferece ao leitor como uma inesgotável viagem, uma incursão pelo conhecimento. A política,

as artes, a filosofia, a psicanálise, a biologia, a astronomia, a religião, os mitos - grandes

criações humanas - são visitados, seja com o olhar encantado de quem está descobrindo o mundo, seja com a vista cansada e o coração desiludido daqueles que já sabem de suas mazelas. O homem que empreende a viagem sugerida por *Avalovara* é ainda o mesmo que sofreu a Queda e já é inteiramente outro. Esse é o leitor do romance e esse





é Abel, seu protagonista. Tanto um quanto o outro serão conduzidos no tempo e no espaço, na espiral que cruza o palíndromo mágico, por três mulheres, três representações da vida.

Anneliese Roos, Cecília e ♃ são percursos, pedaços de uma viagem pelos meandros da existência humana e a viagem inteira - são a parte e o todo, como o pássaro cosmogônico que dá título ao livro, que é pássaro e nuvem de pássaros. A primeira é feita de cidades, a outra hospeda homens em seu corpo e a última, sem nome, é carne e verbo. Abel as percorre e é percorrido por elas, ele as cria e é criado, ama e é amado, mas, ainda assim, são as mulheres que o conduzem, que lhe exibem o mundo, com suas maravilhas e seus infortúnios. São elas que transportam o conhecimento, o sentido das coisas ou a falta dele. Como guias, podem ser cruéis, abnegadas, distantes, apaixonadas... só não guardam a pureza da Beatriz de Dante - estão absolutamente contaminadas de humanidade.

É exatamente isto que busca Abel em suas tantas viagens - tornar-se humano. Para se fazer gente ele tem de se embrenhar no que não pode ser dito, no vivido, recompondo sua própria

história. Mas ele precisa ainda apreender a história do homem, a história do brasileiro e do nordestino, daqueles que fizeram erguer cidades e dos que morreram carregando as pedras. É de dentro dessa história, feita de nomes célebres e de sangue anônimo, que Abel vai se situar como ser humano. Dalí que ele vai escolher seu lugar.

A opção não é difícil em si, mas pelo que transporta consigo. Escolher é, sempre, se identificar, se comprometer. É assim para Abel, para Osman Lins, para cada um de nós que tem de assumir sua posição ante um mundo que já estava aí, mas que nunca veremos pronto. Muitos dirão que a escolha é impossível, talvez desnecessária - passarão a vida tentando se convencer de que são justos, "aferidores equânimes das coisas", nas palavras de Abel. Mas chega o tempo em que não basta julgar, é o tempo de se expor ao julgamento. E isso não significa negar a existência do conflito. Ao escolher os homens no lugar dos deuses e, entre os homens, os que "não têm vocação para dominar", Abel está apenas começando a tomar posição. Seus conflitos não se iniciam nem acabam aí, eles se desdobram, prosseguem se fazendo, simplesmente porque cada escolha pressupõe outras.

Portanto, *Avalovara* é, também, um livro sobre escolhas. Entre decidir a respeito do que escrever e sobre quanto investir no amor depois de tantas perdas, há uma infinidade de pequenas e grandes opções a serem feitas.

Mas, se não basta julgar, também não é suficiente escolher - é preciso não capitular. A rendição contamina, destrói; é assim que o pai de ♃ vai se transformando de jovem músico num conjunto de próteses, ou que o Tesoureiro vai perdendo pedaços pela vida. Tanto Abel quanto o ♃ são seres que não se submetem. Eles se enganam, erram, espreitam, mas jamais se rendem totalmente; guardam, em si, a raiva que os mantém íntegros. Não capitular diante da opressão, das dificuldades, das anulações, das dores não os faz mais puros, nem mais belos. Afinal, como lembrava Brecht: "Também o ódio à baixeza/Deforma as feições./ Também a ira pela injustiça/Torna a voz rouca". Mas não se render permite que continuem sendo eles mesmos, e isso já é alguma coisa.

Ao entrarem no Paraíso - novo ponto de partida para suas histórias e para a dos homens, que transportam consigo - ♃ e Abel ingressam também numa outra ordem narrativa, que se estabelece como possibilidade do vir a ser. Essa reafirmação da experiência humana como valor insubstituível acompanha o percurso da espiral e abrange cada um dos quadrados sobre os quais se ergue o *Avalovara*. Todo o livro é uma apaixonada defesa do humano, seja em contraposição aos deuses, seja como forma de negar o embrutecimento dos sentidos, a anulação da capacidade criativa. A busca que Abel empreende talvez esteja vinculada à necessidade de se recolocar, como homem, no mundo. A escolha da narrativa como veículo para esse transporte parece, então, apropriada. Afinal, cada romance aberto é um mistério e uma indagação, cada página virada uma descoberta, mas nunca uma resposta.

---

**Regina Dalcastagnè** é professora do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília.

